

**À Conversa com ...**

## **Entrevista a Pedro Paraty**

GD: De que gosta muito?

PP: Da família. Das amizades boas e verdadeiras. De ensinar e aprender.

GD: O que detesta ou o irrita muito?

PP: Ingratidão. Deslealdade. A mentira. A falta de civismo. A intolerância.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

PP: Vejo cada dia como um dia mais vivido. Procuo vivê-lo de forma que me sinta realizado no final do mesmo – com mais experiência.

GD: Quando pensamos numa criança e sabemos que aos 4 anos ela se mandou de uma varanda abaixo, temos de pensar que ela era uma criança irrequieta. Confirma-se que era uma criança difícil?

PP: Correção: não me mandei, não nesse sentido. Num momento de distração, desequilibrei-me e caí. Sim, penso que seria uma criança activa. Pelo que me contam, nem após a queda *desactivei* 😊. Continuei activo, demais até, para quem recuperava de uma queda quase fatal.

GD: Muitas pessoas entendem que a vida de um árbitro é demasiado agitada. Qual foi o segredo para o Pedro se ter conseguido manter durante 18 anos nessa vida?

PP: Tirar o curso de árbitro e seguir carreira foi das melhores decisões que tomei na vida. Ter sido árbitro apresentou-me diversos desafios, que me tornaram na pessoa que sou hoje. Deu-me a possibilidade de conhecer muita gente e muitos locais interessantes, dentro e fora de portas. Não sinto que tenha sido um segredo, mas os valores que me foram transmitidos em casa foram claramente um suporte fundamental para não ter passado por grandes problemas. Sinto que fui adquirindo um estatuto respeitável e que ainda hoje gozo desse respeito, por diversos agentes desportivos, pelos anos que dediquei à arbitragem e ao futsal.

GD: Quem é o seu ídolo?

PP: Enquanto árbitro, o meu pai e o meu irmão Paulo. Tenho outras referências, dentro e fora do desporto, pelos exemplos que nos transmitem, como o Papa Francisco, Barack Obama, Ruy de Carvalho, Rui Nabeiro, Roger Federer, Rafael Nadal ou Fernando Pimenta, para dar alguns exemplos.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

PP: A sorte dá muito trabalho! Algumas das minhas conquistas na vida ocorreram em momentos de *sorte*, em que se conjugaram alguns factores que me permitiram alcançar essas conquistas/objectivos. No entanto, tive de trabalhar para estar pronto nesses momentos, e, mais do que isso, a responsabilidade de os ter atingido obrigou-me a trabalhar mais para os manter e merecer.

GD: Alguma vez expulsou um jogador logo no 1.º minuto da partida?

PP: Não me recordo com precisão se foi no 1.º minuto, mas recordo-me de algumas expulsões *prematuras* e também algumas *tardias* (último minuto) – uma delas, num torneio de carácter particular. As leis, não sou eu quem as dito(ditava), mas tinha a obrigação de as aplicar. No texto da lei, não se faz referência ao minuto em que pode ser expulso um jogador... seja o primeiro, seja o último. Lembro-me de que, numa observação da UEFA, escreveram sobre a minha postura, que «para mim, tanto fazia se era no início ou no final do jogo, aplicava a lei da mesma forma».

GD: O que é que gostava que durasse sempre?

PP: A paz no mundo!

GD: E o que é que é um dia perfeito?

PP: É um dia que termino sentindo que cresci enquanto ser humano, e que pude contribuir para que outros pudessem ter um dia melhor.

GD: Se atribuíssemos apenas uma parte do dia para o acto de meditar, qual seria o período por si escolhido? Imediatamente antes de dormir ou logo depois de acordar?

PP: Antes de dormir. Reflectir sobre o que fiz. Preparar o que sei que vou ter no dia seguinte para enfrentar.

GD: Qual era a figura pública que gostava de convidar para jantar?

PP: Qualquer uma das referências que atrás referi, por exemplo.

GD: Porquê futsal e não futebol de 11?

PP: Porque fui convencido, por dois colegas da equipa onde jogava, a acompanhá-los no curso de Árbitros de Futebol de 5. O meu pai era um dos organizadores do curso, mas não me conseguiu convencer. Deu-me a volta de outra forma. Depois de tirar o curso e de arbitrar os primeiros jogos, cresceu dentro de mim uma vontade de responder ao desafio de aplicar as leis de um jogo que me apaixonava. E, uma vez que o meu jeito para a prática era inferior aos meus sonhos, foi uma forma de me manter ligado à modalidade.

GD: Na vida qual é que é mesmo a regra do jogo?

PP: Ser sincero, leal; frontal e honesto. Não desperdiçar tempo nem recursos. Viver a vida com paixão e apreço por aquilo que nos faz feliz.

GD: É homem para verter duas lágrimas ao ver um filme que o emocione?

PP: Porque não? Há alguns que por mais que veja e conheça me provocam sempre o mesmo sentimento (*A Vida É Bela*, por exemplo).

GD: Um dos grandes prazeres da leitura, é que uma viagem literária, consegue levar-nos a todo o lado, sem que saíamos do mesmo lugar. Qual é a sua viagem de sonho?

PP: Viajar no espaço; poder ver o Planeta desde o seu exterior.

GD: Tem ideia de um bom conselho que alguém lhe tenha dado?

PP: Os conselhos que recebi da minha família, por exemplo. Os que me eram dados pelo meu pai e pelo meu irmão – mas um para a arbitragem e que guardei para a vida: «Na dúvida, nunca faças nada que não possas contar aqui à mesa», disse-me o meu irmão.

GD: O que é que sente uma equipa que vai arbitrar no Pavilhão Atlântico o 1.º jogo entre SCP e SLB – aquele que é considerado o dérbi dos dérbis 😊?

PP: Sente-se antes de tudo uma enorme responsabilidade pela nomeação, aliada à satisfação de fazer parte desse momento histórico no futsal; e depois, a ansiedade de que tudo corresse bem e de que o nosso desempenho potenciase o melhor que o jogo e as equipas tinham para oferecer aos espectadores.

GD: No seu currículo, constam presenças em mundiais de futsal universitário, selecções, europeus universitários, *playoffs* de apuramento mundial (selecções) além de mais de 50 jogos da Taça dos Campeões/Champions League de Futsal. Lembra-se de qual foi o jogo mais difícil de apitar?

PP: O mais difícil não consigo distinguir. No entanto, tive alguns que, por decidirem competições (final do *playoff*, finais da taça e da supertaça) são sempre mais difíceis devido a maior emotividade que envolviam (dentro e fora do campo), alguns jogos com *remontadas* inesperadas e alguns em ambientes bem adversos.

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

PP: Que é possível singrar e vingar na vida, sem atropelos aos outros e aos nossos melhores valores. Que o respeito pelos outros e a tolerância pelas diferenças devem ser sempre defendidos.

GD: Considera-se uma pessoa metódica e organizada?

PP: Metódico, sim; organizado... já fui menos, mas ainda estou longe do que devia.

GD: Tinha algum ritual no dia dos jogos importantes?

PP: Não sou muito de rituais e procurava ter a mesma atitude e igual comportamento, independentemente da importância que era dada ao jogo. No entanto, naqueles em que o mediatismo era maior, procurávamos relembrar jogos recentes dos mesmos contendores e estar mais atentos aos pormenores que nos pudessem ajudar a desempenhar um bom trabalho.

GD: Ainda se lembra do 1.º jogo de futsal que arbitrou?

PP: Sim. Quando comecei, o futebol de 5 tinha um árbitro e um árbitro-assistente de bandeira. O meu primeiro jogo enquanto árbitro foi um Paredes-Bairro do Bom Pastor.

GD: E do 1.º dia de trabalho no Banco BPI, lembra-se?

PP: Lembro. Foi em 19-02-2001, e o entusiasmo era enorme. Senti que estava a fazer parte de uma entidade diferente daquelas para que tinha trabalhado.

GD: É natural que um árbitro seja adepto ou simpatizante de um clube. Qual é a preparação que se faz para tentar ser justo no dia em que tiver de arbitrar um jogo em que a sua equipa participe?

PP: A minha preocupação com o acerto das minhas decisões estava presente em todos os jogos que dirigi. A minha responsabilidade era com a arbitragem e com a aplicação das leis do jogo, e como tal o meu clube passou a ser arbitragem. A preparação vai-se fazendo em todos os outros jogos, não olhando para emblemas ou cores. Desse modo, se tivermos de dirigir um emblema que nos seja mais caro, já chegamos lá preparados: é apenas mais um.

GD: Se alguém lhe desse o privilégio de obter resposta para uma qualquer pergunta, o que é que gostava de perguntar?

PP: Como fazer com que a nossa espécie aproveite melhor o que atingiu e se possa terminar com o sofrimento, como o que a guerra e a fome provocam?

GD: Tem a camisola de algum jogador que admire particularmente?

PP: Tive oportunidade há uns anos de trocar de camisola com um jogador que admiro, e que, além de colega no BPI, foi mais um amigo (apesar de alguns cartões que tive de lhe exibir 😊) que o futsal me trouxe: o Ricardo Costa. Admirei-o pela técnica, por perceber que era um jogador de equipa, mas essencialmente pela atitude enquanto desportista, dentro e fora do campo.

GD: O futsal é um desporto apaixonante. O número de praticantes e de adeptos é enorme. Muitas vezes critica-se a actuação dos árbitros sem se conhecer as regras de jogo. Muitas pessoas não sabem que, se um jogador, ao marcar um canto, introduzir a bola na sua própria baliza, o arbitro não poderá validar esse golo. Faz sentido esta regra?

PP: Do ponto de vista da coerência com outras regras do futsal, faz sentido, sim. Em qualquer reposição de bola em jogo, a equipa que recomeça o jogo não pode ser penalizada com a obtenção de um golo, sem que a bola tenha sido jogada por um adversário.

GD: Onde é que gostava de estar daqui a 10 anos?

PP: A gozar a minha reforma, com saúde e despreocupadamente 😊.

GD: Salta da cama, ou é mais de fazer um bocadinho de ronha?

PP: Em 99% das vezes, salto da cama. O meu despertador marca a hora a que tenho mesmo de me levantar. Se não tiver horário/compromisso a cumprir, pode haver ronha, mas não muita.

GD: Acorda bem-disposto, ou só depois das 10.00h?

PP: Normalmente, bem-disposto e alegre.

GD: Se lhe oferecerem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?

PP: Depende da circunstância ou do contexto. Se a sede estiver saciada, caipirinha; se não, limonada.

GD: O número de senhoras a entrar no mundo do futebol tem sido fantástico. A Federação Portuguesa de Futebol tem um objectivo ambicioso de atingir as 75 000 praticantes federadas até 2030. Qual a sua opinião sobre o apoio que o Banco BPI tem oferecido ao futebol nos últimos tempos?

PP: Penso que tem sido uma aposta bem ganha pelo BPI, porque o futebol feminino tem evoluído imenso e tem ganho espaço no panorama desportivo. O BPI anteviu em boa hora esse crescimento, e penso que o apoio/parceria tem sido proveitoso para todas as partes. Como colaborador e pessoa ligada ao Desporto, vejo com satisfação esse apoio.

GD: Por falar em ofertas, o que é que a idade nos oferece?

PP: Serenidade para enfrentar as tormentas. Experiência para procurar fazer as melhores opções.

GD: E o que é que ela nos tira?

PP: O contacto com aqueles que a idade leva. A jovialidade e a disponibilidade física para fazermos esforços que antes eram normais.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

PP: Ter chegado onde cheguei sem fugir aos meus valores, aos valores familiares que me foram passados e à família que formei depois do casamento.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

PP: Penso que olho mais para a floresta. Mas gosto de perceber se lá pelo meio alguma árvore precisa de atenção ou cuidado.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

PP: Na capacidade de mudar. Para mim, o destino é como disse atrás: aquilo que em determinado momento se define como consequência de vários factores ou circunstâncias; muitas vezes, mudando apenas uma das variáveis, o destino (resultado) seria diferente. Vendo pelo lado negativo, mesmo quando parecemos destinados a enfrentar dificuldades, talvez a solução esteja em olhar para aquele factor que depende de nós, e mudar a sua influência no *destino*.

GD: Tem saudades de quê?

PP: Do meu irmão Paulo. De não ter responsabilidades, como quando era criança e só pensava em brincar o dia todo 😊.

GD: O que queria ser quando era menino?

PP: Piloto de avião. Jogador de futebol. Governante/decisor com possibilidade de melhorar o mundo.

GD: O que quer ser quando for velhinho?

PP: Alguém que possa partilhar experiências com os mais novos, apoiar os filhos e netos, e que olhe para o passado sem pena de ter perdido muito.

GD: Se os seus dias tivessem 26 horas, como acha que preencheria as outras duas?

PP: 50% das vezes, em lazer; 25% a resolver assuntos e as outras 25% a descansar.

GD: É hoje quem queria ser?

PP: Penso que sim. Apesar de não ter sido nem piloto, nem jogador, nem decisor com influência, gosto da pessoa que vejo ao espelho e deito-me com a consciência de que não defraudei quem me educou nem com quem me casei, e de que os meus descendentes me têm como modelo/referência.

GD: Em criança, um dos desejos mais idiotas que nos ocorre é o de querermos que rapidamente chegue a idade que permita sermos tratados como adultos. Este também fez parte dos seus?

PP: Penso que sim. Em determinadas alturas da vida, sentimos que a nossa voz, as nossas ideias, não têm a aceitação que queríamos junto dos mais velhos e que a idade nos trará essa afirmação. Acho não que seja idiota, mas um sentimento de afirmação perante o mundo que nos rodeia.

GD: Aos 53 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

PP: Boa pergunta. Sei que ainda não tenho conhecimento para todas as respostas que preciso de dar diariamente.

GD: Por falar em saber, quem sabe os seus segredos?

PP: Sou pessoa de guardar bem segredos e confidências; no entanto não sou pessoa de criar segredos. A minha família conhece-me sem filtros, conhece bem as minhas falhas e a pessoa que sou.

GD: Quem é o seu maior fã?

PP: Não sei. Nunca se declarou 😊. Mas espero que os meus progenitores, os meus irmãos e a família que ajudei a criar me vejam com orgulho, apesar dos meus defeitos e falhas.

GD: Fale-me de alguns pequenos prazeres.

PP: De: comer bons pratos típicos portugueses; beber um bom vinho; comer marisco ou *sushi*; ver um bom filme; acompanhar uma boa série; ler um livro; ouvir música; assistir a concertos; jogar futebol; praticar desporto; ter tempo de qualidade com a família; conviver com amigos.

GD: Quando da bancada chegam frases agressivas e palavras hostis, como é que se consegue manter a concentração e continuar a olhar para o jogo de forma isenta?

PP: No meu caso, encarava isso como parte de um jogo psicológico, em que os adeptos tentam que as decisões do árbitro, mesmo que justas, não penalizem a sua equipa, ou penalizem de forma desajustada a equipa adversária. Não é fácil de gerir, mas vai-se adquirindo uma capacidade para nos abstrairmos desse ruído – que, reconheço!, faz parte da emotividade, mas que muitas vezes é desajustado aos acontecimentos e até mesmo sem sentido. Ainda hoje acredito que seja possível «chamar a atenção» ao árbitro, admitindo que possa ter errado, sem que para tal seja necessário agredir verbalmente a pessoa. Não creio que qualquer adepto que insulte um árbitro tolerasse que lho fizessem se estivesse no seu lugar, e, mais ainda, não conheço nenhuma actividade em que, sendo maltratada a pessoa, execute melhor a função que tem a seu cargo.

GD: Alguma vez, num determinado momento do jogo, sentiu que se não beneficiasse a equipa da casa, a sua integridade física estaria seriamente em risco?

PP: Não. Cheguei a arbitrar, cá dentro e lá fora, em ambientes hostis, mas sempre senti a segurança necessária para levar a cabo a minha tarefa, de forma isenta e coerente. Se pensamos muitos nos riscos, desfocamo-nos do essencial. Sentia que, arbitrando bem, de forma justa e dentro das leis, o reconhecimento por esse trabalho se sobreporia às frustrações que pudessem vir a existir pelo resultado.

GD: Considera que é uma pessoa feliz?

PP: Considero-me bem satisfeito com a minha vida, com o que tenho e atingi, e que tenho em mim as ferramentas e o poder de alterar os aspectos da minha vida que me façam sentir menos realizado.

GD: O que precisaria para se sentir ainda mais feliz?

PP: Diminuir o impacto desses aspectos que me impedem de me sentir ainda melhor com a vida que tenho.

GD: No fim da nossa viagem por aqui, o que é que conseguimos levar?

PP: Creio que pouco ou nada. Foco-me mais no que quero e posso deixar aos outros, em termos de exemplo ou de impacto positivo nas suas vidas.

GD: Em 2012, resolveu abraçar um novo desafio, o de treinar jovens que gostam de jogar futebol. Já com mais de 300 jogos disputados, vai ficar pela formação ou a sua ambição vai querer levá-lo para outros escalões?

PP: Em 2012 surgiu a oportunidade de fazer algo que já vinha sentindo que ia gostar de experimentar: o de treinar jovens atletas, ajudando-os a desenvolver as suas capacidades futebolísticas, transmitindo

ao mesmo tempo valores desportivos e humanos, que pudessem fazer deles melhores desportistas e pessoas, independentemente do escalão de formação em que esteja a trabalhar. As minhas ambições vão mais no sentido de trabalhar noutras vertentes de futebol, que não apenas o de 7 e desafiar-me a evoluir nesses contextos.

GD: Obviamente que é um homem de desafios e de projectos. A pergunta que se impõe é: Qual é o próximo?

PP: Projecto... não vislumbro nenhum, para já. Desafio... como disse atrás, treinar futebol de 9 e futebol de 11, em contexto de formação.

GD: Qual a sua opinião sobre este tipo de conversas, ou sobre esta rubrica do Grupo Desportivo?

PP: Pessoalmente, gosto de ler ou ouvir testemunhos de vida de outros colegas, independentemente da área de intervenção. É uma forma de conhecer outras realidades e olhar a vida e o mundo que me rodeia, visto por perspectivas ou experiências diferentes e que muitas vezes são enriquecedoras e até mesmo transformadoras da minha forma de encarar diferentes situações ou problemas. Espero que esta entrevista seja interessante também para quem a ler 😊.

GD: Se lhe pedirmos o nome de um colega que, na sua opinião, seja um bom candidato para ter esta conversa connosco, qual o nome que lhe vem à cabeça?

PP: O Ricardo Costa, ex-futsalista e agora dirigente de futsal.

GD: Qual foi a pergunta que ficou por fazer?

PP: «Já o tentaram subornar?» – Não, talvez porque soubessem que a minha dignidade e a minha integridade não tinham preço ou porque confiavam nas minhas isenção e independência, apesar dos vários lapsos de julgamento que tive ao longo da carreira.

Curtas e Rápidas

GD: Teatro ou cinema?

PP: Gosto mais de ir ao cinema, mas o teatro também me encanta.

GD: Prosa ou verso?

PP: Prosa, mas há poemas e versos que também me cativaram

GD: Treinador de futsal ou dirigente desportivo?

PP: Onde sentir que a minha intervenção possa ser mais enriquecedora, para mim e para o projecto.



GD: Jorge Nuno Pinto da Costa?

PP: Não percebi a questão, mas creio que se está a referir ao presidente do FC Porto

GD: Beijo ou abraço?

PP: Depende do contexto/circunstância. Para mim, o mais importante é se é sentido...

GD: Falcão ou Ricardinho?

PP: Dois futsalistas extraordinários, mas talvez porque vi mais e conheci melhor: Ricardinho

GD: Manhã ou tarde?

PP: De manhã se começa o dia; mas a tarde tem de lhe dar continuidade 😊

GD: Séries ou filmes?

PP: Séries e filmes. Sou mais pelas temáticas, pelos argumentos, pelos intérpretes.

GD: Ensaizador ou marchante nas festas de S. João?

PP: Marchante... nunca fui, mas parece-me mais divertido.

GD: Almoço ou jantar?

PP: Almoço e jantar. Depende mais da companhia, do local, da ementa e da carteira 😊

GD: 25 de Abril

PP: Evento transformador na nossa sociedade, mas cujo propósito por vezes parece estar a perder-se

GD: DSI ou Compliance?

PP: Ambos! Com dedicação e profissionalismo, fazendo o que tem de ser feito. Grato a todos os colegas com quem trabalhei na DSI e também a todos os que na DC, apesar das dificuldades de quem muda «de emprego» me ajudam a estar ao nível do que a nova função exige.

GD: Apitar um jogo; à tarde ou à noite?

PP: Um que não desse sono... 😊 Desde que fosse exigente e me obrigasse a estar ao meu melhor nível.

GD: O filme mais... mais... mais...?

PP: Tenho vários pelos aspectos que referi mais atrás. Mas talvez *A Vida É Bela* (não há *zapping* em que o apanhe e que não o veja de novo) seja aquele que mais me tocou.

GD: Grupo Desportivo BPI?

PP: Agradeço o convite para esta entrevista e que continuem a desenvolver o bom trabalho que têm feito, em prol do universo de trabalhadores do BPI, nas diversas vertentes lúdicas.

